Comissão Mineira de Folclore

CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL – Ano V Nº 52 Fev. 2000
www.folclore.art.br

UNICENTRO NEWTON PAIVA

EDITORIAL

*Domingos Diniz**

ACMFL: 52 anos

Neste mês de fevereiro de 2.000 a Comissão Mineira de Folclore completa 52 anos. Tudo começou no dia 19 de fevereiro de 1948. A primeira comissão estadual de folclore a se instalar no Brasil.

Voltemos ao tempo forte de nossa criação. Não como mero exercício de memória. Muito menos por saudosismo. Antes para celebrarmos o feito daqueles 28 iniciantes que abriram os caminhos, colocaram os alicerces. Somos uma obra em construção. Cada qual, a seu tempo, dá sua contribuição, coloca uma pedra, um adobe, um tijolo; põe argamassa, dá tinta.

Hoje, como ontem, a CMFL é conhecida e respeitada pela seriedade com que trata a Cultura Popular Tradicional. Pela forma científica com que cuida do estudo dos saberes folclóricos. Saberes essenciais para a vida dos povos tanto quanto as conquistas tecnológico-científicas.

Vamos comemorar os 52 anos com serviços, com atividades. Mostrar que continuamos na construção da obra.

Em março, o Centro de Informações Folclóricas voltará a funcionar em parceria com o Unicentro Newton Paiva e Belotur. Em abril, daremos um curso de iniciação em folclore em Pirapora e, em maio, aqui em BH, com a Secretaria Municipal de Educação. Em estudo a parceria com a UFOP para um curso de pós-graduação em Folclore e Cultura Popular.

Em planejamento a 36ª Semana Mineira de Folclore e a edição da REVISTA nº 21. Em março acontecerá o seminário para discutir o folclore e o parafolclore. Em maio será a vez do folclore e turismo. O Carranca neste mês de fevereiro chega ao nº 52.

E vivam a CMFL e todos os seus membros.

* Presidente da CMFL

Veja Nesta Edição...

2 Recebemos

Correspondências 3

4 Correspondências / Programa para artesanato

Remédios extravagantes 5

6 Seminário: Folclore e Parafolclore / O visual e o autêntico

RECEBEMOS

BOLETIM Nº 1 – Da Comissão Pernambucana de Folclore, chega-nos o BOLETIM nº 1 (nova série) janeiro 2.000. Dentre outras notícias destacamos a discussão folclore e grupos parafolclóricos, em Recife em 1999, carnaval dona Mariu, a bio-bibliografia do folclore brasileiro, textos de autores pernambucanos. Parabéns ao Roberto Benjamin pela edição do Boletim em nova fase.

BOLETIM Nº 15 – Em mãos, o BOLETIM nº 15 dezembro/1999 da Comissão Maranhense de Folclore. Variada matéria. Quase todas falando dos folguedos do ciclo natalino. O editorial diz: "O final de um ano e início de outro sempre nos inspiram uma reflexão voltada para duas vertentes: um balanço para avaliação e uma proposição em termos de ações futuras".

TRADIÇÃO – Circulando o nº 004 Janeiro 2000 de TRADIÇÃO, da Subcomissão Vertentes de Folclore – São João del Rei. Matéria rica e variada sobre as folias de reis e pastorinhas.

CADERNO DE FOLCLORE – O Museu do Folclore de São José dos Campos (SP) nos brinda com primorosa publicação de Coletânea de textos sobre o ciclo de Natal. Trabalho de pesquisa da folclorista, Presidente da Comissão Paraense de Folclore, Maria Graziela Brígido dos Santos. A nossa conhecida Maria Brígido.

PEQUENO DICIONÁRIO DO NATAL – De Recife (PE), recebemos o Pequeno e grande Dicionário do Natal, do mestre folclorista Roberto Benjamin, Presidente da CPFL. O PEQUENO DICIONÁRIO DO NATAL é livro para não ficar parado, inerte, enfeitando prateleiras. É para ficar na mesa de trabalho, na pasta de viagem. Para ser consultado a toda hora, a todo minuto, a todo instante.

DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS – Pelas mãos de Cáscia Frade, chega-nos o DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS, de Mário Souto Maior. O Souto Maior é mestre em produzir dicionários da cultura popular. Agora ele nos dá este que fala dos folcloristas, dos estudiosos dos saberes folclóricos.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS – JORNAL UNI-BH, nº 54 janeiro 2000. Muito bem feito. Três cadernos em policromia. BOLETIM ADL nº 12, da Academia Divinopolitana de Letras. O Grande Matozinhos, da Associação dos Moradores e Amigos do Grande Matozinhos. JORNAL DA UNICAMP, nº 147 novembro/1999, Campinas-SP. ALMANAQUE BRASIL DE CULTURA POPULAR nº 1, editado por Mylton Severiano da Silva, Perdizes, São Paulo. REVISTA COM VOCÊ nº 132, dezembro/99, Petrolina -PE.

AS ARTESÃS DO BARRO – A poeta Dóris Araújo, de Montes Claros, nos envia um ótimo trabalho de Dário Teixeira Cotrin, *As artesãs do barro*. O livro é o resultado de pesquisa feita pelo autor em Rio Pardo de Minas. Mostra a pujança e beleza do artesanato em cerâmica da região. Conta com apresentação de Amelina Chaves e patrocínio do Banco do Brasil e Prefeitura Municipal de Rio Pardo de Minas.

DE "A MONOGRAFIA" Nº 18 DO UNICENTRO NEWTON PAIVA – Monografias do Curso de Pós-Graduação de Folclore e Cultura Popular:

Autora: Danielle Gomes Freitas

Pré-avaliador: Lázaro Francisco da Silva

"O texto considera o, 'boi-da-manta' que se verifica em Vespasiano-MG, buscando inseri-lo no contexto geral de folguedo 'bumba-meu-boi'. Para tanto, explora a hipótese da migração de traços culturais nordestinos via Rio São Francisco. A autora manuseia uma bibliografia apropriada, mas percebe-se uma certa dificuldade de articulação entre as diversas obras. Dificuldades relacionadas com a questão gramatical foram levantadas e sugeridas mudanças. O objeto da pesquisa proposto é relevante na medida em que se converge para a compreensão de problemas gerais de BH enquanto área cultural paradigma da mineiridade".

Foi esse caráter de apresentação pública das criações culturais que reinou na jornada de monografias de Folclore, entendendo que a ciência vive das críticas que recebe, e não da busca de elogios. O resultado desse empenho é que os alunos buscam constituir um grupo de pesquisa para prosseguir os estudos iniciados ao longo do curso. (JMS)

CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Ano 5 – Número 52 – Fevereiro 2000
Diretor Responsável: Domingos Diniz
Coordenação Editorial: Lázaro Francisco da Silva
Editoração Gráfica: Cleonice de Souza (434-4642 / 435-4563)
Impressão e Acabamento: Gráfica e Editora Cultura
Apoio: Parceria Universitária Unicentro Newton Paiva

Diretoria da CMFL
Presidente de Honra: Saul Alves Martins
Presidente: Domingos Diniz
Vice-Presidente: Antônio Henrique Weitzel
Secretário: Lázaro Francisco da Silva
Tesoureiro: Antônio de Paiva Moura

Conselho Consultivo da CMFL
Antônio de Oliveira Mello
João Naves de Melo
Maria de Lourdes Costa Dias Reis

Endereço para Correspondência
Rua da Bahia, 1320/1101 – Centro
30.160-011 – Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Tel (031) 222-2055
www.folclore.art.br

Apoio cultural

Belotur
GRÁFICA E EDITORA CULTURA
UNICENTRO NEWTON PAIVA

CORRESPONDÊNCIAS

DE ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL, *Presidente da Comissão Paraibana de Folclore. A essência da amizade não está na freqüência da correspondência, mas no permanente bem-querer. Não sei pensar essas Gerais sem incluí-lo, sem lembrar em Pirapora, o velho Chico, andanças em lombos de cavalo, conversas e saberes do mundo que encantou o grande Rosa. Ser mineiro é somar todos os Brasis, ser a síntese deste país continente, campear como os gaúchos, crescer como os paulistas, amar a terra como os nordestinos... Meu caro mestre, a vida é como o Velho Chico passando quase sempre sem ser percebido, constantemente, ora seco, manso, ora volumoso, mostrando brabeza, tudo tomando. Indomável. Querem domá-lo mas ele resiste, vez por outra mostra as garras: Estou vivo! E vamos todos nós navegantes deste Velho Chico, ora nos deixando levar pela corrente, ora contra ela brigando insanamente (...) Quanto a mim, tenho em fase de conclusão as Cantigas de brincar, em que reúno 115 rondas de Cabedelo e mais 80 de outras localidades do País. Preparo as minhas peças teatrais – que já somam 30 – para publicação e aguardo para fevereiro a entrega pelo editor das Estórias de Luzia Tereza, cujos três volumes restantes espero ver em forma de livro ainda este ano...*

CARRANCA: Caro Altimar. É perfeita a sua análise da cultura mineira como síntese do universo cultural brasileiro. Como é sabido, a descoberta das Minas no final do século XVII e inícios do XVIII atrai para a Região gente de toda a Colônia, [e da Metrópole], o que nos torna herdeiros de múltiplas influências culturais. Também o Velho Chico, rio dito "da integração nacional", à medida que impulsiona para o Nordeste as nossas águas, traz no refluxo a cultura nordestina que se espalha por nosso sertão-veredas. E parabéns por mais esse trabalho das Cantigas, e pelas suas peças teatrais, vazadas na cultura tradicional e popular.

DE DORALÉCIO SOARES, *Presidente da Comissão Catarinense de Folclore. Cumprimento essa Comissão pelos valiosos trabalhos apresentados, cada vez mais nos trazendo valiosos conhecimentos. Fico no aguardo do teu pronunciamento [sobre o trabalho que lhe enviei], esperando encontrá-lo em Vitória. Abraços.*

CARRANCA: Prezado Doralécio. Em nome dos companheiros da Comissão agradeço-lhe os elogios, e peço que saúde os folcloristas catarinenses em nosso nome. Em Vitória, querendo-o Deus, teremos a oportunidade de colocar em dia nossas conversas. Até lá.

DE MANOLO SILVEIRO CACHAFEIRO, *Historiador – Porto Alegre. Conforme contato telefônico mantido anteriormente solicitamos cópia da mala direta (endereços das instituições) que a Comissão Mineira de Folclore encaminha o informativo "Carranca". Em anexo encaminhamos o informativo do Grupo de Trabalho ACERVOS – ANPUH/RS.*

CARRANCA: Caro Manolo. A cópia da lista solicitada já está a caminho, se já não tiver chegado. Receba nosso abraço mineiro, e transmita-o aos amigos daí, tchê!

DE MARLY GARCIA CORREIA, *Secretária da Comissão Paranaense de Folclore. Senhor Presidente: Em primeiro lugar nossos cumprimentos pelas atividades desenvolvidas pela* Comissão Mineira de Folclore e a todos os componentes da atual Diretoria, trabalhos estes que atentamente acompanhamos pela belíssima publicação CARRANCA, que temos o prazer de receber mensalmente. Aproveitamos a oportunidade para acusar o recebimento dos números 50 e 51 da referida publicação. Outrossim informamos também que estamos retomando os trabalhos da nossa Comissão e que estamos empenhados em desenvolver projetos que por certo virão contribuir com o estudo do folclore paranaense.

CARRANCA: Cara Marly. Agradecemos as referências a nossas atividades; fazemos o que podemos para aprofundar os estudos do Folclore em Minas, e divulgá-lo aos quatro ventos, apoiados em nossos patrocinadores que ampliar o alcance de nossa voz. Muito nos alegra saber que a brava Comissão Paranaense retoma com vigor os seus projetos, que nos darão a conhecer com mais profundidade esse pedação do Brasil que é o Estado do Paraná.

DE ELISABET GONÇALVES MOREIRA, *Petrolina, Pernambuco. Fico muito satisfeita em saber que vai encaminhar para publicação meu trabalho sobre as Carrancas. Como andei mexendo no texto, em trocas com Paulo Pardal e Boris Schnaiderman, envio novamente para você um disquete para substituir o outro. Por favor, não deixe de observar isso. Vai com a data de hoje. Quanto às ilustrações, fundamentais para a compreensão do texto, podem ser escaneadas a partir das xerox coloridas... Tenho recebido o jornal "Carranca". Em anexo estou enviando o endereço da revista "Com você" para que você envie diretamente. Praticamente não tenho contato com Inah Torres. Roberto Benjamim enviou-me também um impresso sobre a Comissão Pernambucana de Folclore. É muito bom que alguma coisa esteja "saindo" por aqui também.*
[Betmor@silcons.com.br]

CARRANCA: Cara Elisabet. Esteja tranqüila; os disquetes serão substituídos, e você estará dando uma valiosa contribuição para os estudos das carrancas do Velho Chico.

DE ELIZABETH RENNÓ, *Academia Feminina Mineira de Letras. A Academia Feminina Mineira de Letras, por sua Presidente Elizabeth Rennó, tem o prazer de convidar V.as. e família para a Sessão Solene de Posse de sua Diretoria para o biênio 2000-2001, assim constituída. Presidente: Elisabeth Fernandes Rennó de Castro Santos – Elizabeth Rennó; 1ª Vice-Presidente: Maria da Conceição Elói; 2ª Vice-Presidente: Clara Maria Rodrigues Barbosa; 1ª Secretária: Maria Conceição Antunes Parreiras Abritta; 2ª Secretária: Amasilde Rehwagen; 1ª Tesoureira: Maria Therezinha Costa Val Araújo; 2ª Tesoureira: Bernarda Carvalho de Rezende – Dina Mangabeira; 1ª Bibliotecária: Maria Auxiliadora Moreira Duarte; 2ª Bibliotecária: Theolina Villela. Assessoria: Presidência: Antônia Rodrigues Sá; Tesouraria: Almira Guaracy Rebêlo; Relações Públicas: Theolina Villela; Conselho Consultivo: Lívia Paulini, Alaíde Lisboa de Oliveira, Cely Vilhena Falabella, Maria Natalina Jardim. Agradecemos a sua presença no dia 17 de fevereiro de 2000, Quinta-feira, às 17 horas, à rua da Bahia, 1470.*

CARRANCA: A Comissão Mineira de Folclore cumprimenta cada um dos membros da Diretoria da tenaz Academia Feminina Mineira de Letras, que dá vez e voz a tantos valores das Letras Mineiras, e formula votos de realizações ainda mais amplas no campo de cultura e arte.

DE ELIANE S. RAPCHAN. *Meus votos de um ano novo feliz a toda a CMFL é a primeira coisa que quero anunciar: realizações, satisfação e solidariedade são as melhores coisas que posso desejar. Em segundo lugar, considerando que virei uma "pidona" ao longo dessa pesquisa, gostaria de manter minha fama e solicitar-lhe o envio de alguns números atrasados do Carranca que eu não cheguei a receber e que são os números 37 e do 41 ao 46. Caso você não tenha os originais, gostaria de pedir-lhe cópias xerox, que eu pretendo reembolsar, pois eles são muito importantes para que eu tenha a referência da coleção completa, já que todos os outros números já foram analisados para a confecção da tese. Gostaria de informar-lhe, também, que eu recebi alguns números repetidos do Carranca e poderia enviar-lhe caso alguém esteja procurando algum número atrasado que esteja em falta. Quanto aos questionários que você me mandou, muito obrigada. Infelizmente eles não correspondem a todo o universo dos folcloristas membros da CMFL, mas eu estou conversando com o meu companheiro Alexandre, que é mestre em Estatística, para decidir se é possível fazer uma análise amostrall do conjunto, pela via da inferência estatística, o que significa que não saberemos com certeza nada, mas podemos supor muita coisa. Termino por ora, para voltar ao trabalho.*

CARRANCA: Cara Eliane. Agradecemos e retribuímos seus carinhosos votos de ano novo. Quanto a ser "pidona", entendemos o fato como

uma honra, pela relevância do trabalho que você vem desenvolvendo e pela oportunidade que nos dá de fazermos parte dele. O material solicitado já foi enviado, e os exemplares em duplicata você poderia doar a alguma biblioteca, ou a alguém que dele precise. Lamento o problema quanto aos questionários; se ainda houver tempo, reenvie-nos o modelo e a lista das pessoas que responderam: tentaremos conseguir mais alguns com os demais. E receba nossos reiterados votos de amplo sucesso.

DE PROF. DR. HITOSHI NOMURA, *Prezados Senhores. Possuo duas coleções completas de revistas sobre folclore, que estou colocando à venda e que talvez interessem a alguns colegas daí. São elas: 1 – Revista Brasileira de Folclore – nºs 1 a 43 [R$600,00]; 2. Folclore (da Comissão Paulista de Folclore) 6 números – encadernados – raro, 1952-1953. A selagem e registro ficam por conta do comprador. Rua José Augusto César, 33, CEP 13066-420 – Campinas, SP – Telefax: 0xx19- 2135612, E-mail hnomura@zaz.com.br.*

CARRANCA: Caro Prof. Hitoshi. Aí está o seu recado. Tomara que O Carranca o ajude a colocar em boas mãos esses importantes trabalhos de nossos pesquisadores.

DE ESTHER S. A. DE ALMEIDA KARWINSKI. *Caro Amigo Prof. Domingos Diniz. Desejo-lhe saúde, felicidades e tudo de Bom para o Novo Ano! Recebi como Boas Festas O Carranca nº 50, Dezembro/99, que você teve a nímia gentileza de me enviar. Muito Grata. O tempo vai passando e as amizades se solidificando. E como diz nosso grande e amado mestre Saul Martins [Folclore]: "considero-o uma ciência da fraternidade". [Carranca, nº 49, Nov. 99]. Era minha intenção ir abraçar meus amigos mineiros: Você, Saul e Julinda, Tião, neste final de 99. E o tempo foi passando e continuo agarrada a esta ilha - ilha do Sol mas também de muita chuva e tempestades. Muitas saudades e melhores votos.*

CARRANCA: Cara Baronesa. Retribuímos em dobro, em triplo, os votos de saúde e felicidades que nos chegam com sua carta, cheia de sol e mar, e chuva e tempestades. Venha a Minas tão logo puder; e enquanto não vem, escreva-nos mais, e nos informe sobre seus projetos e realizações em prol do Folclore em São Paulo e em Guarujá.

DE MERCEMIRO OLIVEIRA SILVA, *Secretário Geral da Academia Divinopolitana de Letras. Prezado Amigo Domingos. Não foram fáceis as tarefas acumuladas para o fim do ano. Em razão disso, tenho de iniciar pelo pedido de desculpas por não ter acusado ainda sua gentileza. Agora o faço, acusando haver recebido a remessa de exemplares do Boletim dessa CMFL e do excelente informativo CARRANCA, que já compõem as estantes de nossa academia, consultados com prazer. Queira aceitar meu atrasado "Muito Obrigado", pela gentileza, com a expressão de meus protestos, de minha estima e meu abraço amigo.*

CARRANCA: Não há de que, Mercemiro. Jogamos a semente ao vento, o que importa é que caia em terra boa, o que vem acontecendo no seu caso e no de inúmeros leitores que sabem compreender nosso esforço e perdoar nossas falhas. Receba o nosso abraço fraterno.

DE JOÃO AVELINO BEZERRA, *Coordenadoria de Desenvolvimento Cultural – CDC/UNICAMP. Após um longo período venho informar sobre o projeto folclore da UNICAMP. No ano de 1998, por falta de captação de recursos não foi possível realizar o evento; já em 1999 realizamos o 6º encontro, com uma vivência do sagrado, conduzida pelo Congado da Comunidade dos Arturos de Contagem – MG. O III Curso de Introdução ao Folclore, direcionado a educadores e o II Seminário de Relato de Pesquisas foram cancelados por falta de captação de recursos. Na ocasião a UNICAMP prestou uma homenagem ao congado Mineiro, pela contribuição ao patrimônio cultural brasileiro. O evento teve grande êxito, e sua programação pode ser conferida no site na Internet http://www.unicamp.br/folclore. Na seqüência vamos atualizar o site, e abrir uma página para informar sobre os eventos nacionais e internacionais ligados à Cultura Popular: calendário de festas, cursos, seminários, congressos, contato de grupos, professores, pesquisadores e presidentes das Comissões de Folclore do País. Para tanto, solicitamos que nos enviem material sobre os eventos do seu estado, e se possível seu e-mail para facilitar a comunicação. O 7º Encontro que será realizado na 2ª quinzena de agosto/2000 já está sendo elaborado, aproveito para consultar sobre a possibilidade de participação de grupos tradicionais desse Estado no evento. No aguardo de um parecer, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos. Atenciosamente.*

CARRANCA: Caro Avelino. De uns tempos para cá a UNICAMP tem-se revelado um dos maiores centros nacionais de estudos do folclore mineiro. Na sua pessoa agradeço aos professores e alunos dessa emérita Academia que, rompendo fronteiras, elegem a cultura mineira como tema de suas investigações. O site unicamp.br/folclore é outra grande janela que se abre e permite visualizar o cenário de nossa cultura popular tradicional. Nosso endereço eletrônico se encontra em nossa página "folclore.art.br", que também vem demandando uma boa atualização. Quanto à participação de grupos mineiros no 7º Encontro/UNICAMP, estamos conversando com as pessoas e lhe daremos retorno. Mas certamente não faltarão grupos nossos, principalmente os originários de regiões mais próximas de Campinas. Parabéns pelas muitas realizações, que ainda demandam de vocês o esforço extra da captação de recursos.

Mensagens de Natal e Ano Novo

Continuamos recebendo mensagens de nossos leitores: Nilma Lacerda e Paulo César, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Coordenação de Artes e Tradições Populares de São Gonçalo, Associação Olimpiense de Defesa do Folclore (Olímpia-SP), Letícia Malard, Afonso M. Furtado Silva, Prof. Adércio Simões Franco, Dr. Ivan Mota, Antônio Henrique Weitzel (nosso vice-presidente), Olavo Romano, Lilia e Milo e Elisabet G. Moreira (Petrolina-PE). A todos o nosso muito obrigado.

Um programa para o artesanato mineiro

Com o Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, Ângelo Oswaldo, mostrando as linhas gerais de um programa para o artesanato mineiro, realizou-se o segundo encontro de entidades governamentais e não governamentais ligadas ao artesanato, no dia 8 do corrente mês, no Arquivo Público Mineiro.

O primeiro encontro se deu em agosto de 1999, quando se iniciou a discussão sobre os problemas básicos do artesanato.

Sob a coordenação do prof. Evandro Lemos, foram estabelecidas as metas e definidas estratégias de um programa de apoio ao trabalho artesanal em Minas Gerais.

O objetivo primeiro do programa é a criação de um Centro de Referência do Artesanato Mineiro com ações integradas entre entidades envolvidas na produção, distribuição e estudo do artesanato, sob a coordenação da Secretaria de Estado da Cultura.

A CMFL se fez representar na pessoa do folclorista prof. Antônio de Paiva Moura.

Remédios extravagantes

*João Naves de Melo**

Na praça principal da pequena e aprazível cerratense Pintópolis, plantada na antiga fazenda Riacho Fundo, por Germano Pinto, logo depois do rio Acari, nas margens do riacho Riacho Fundo, presenciei um acontecimento pitoresco: uma mulher estava à procura de um urubu que, segundo fora informada, fora abatido nas cercanias da cidade, naquele dia.

Por que ela queria a ave? Era simples, respondeu ao curioso que a indagara da precisão: fazer remédio para curar a bebedeira do marido. Não se fez de rogada quando lhe perguntaram como era o remédio, dando a receita: "tira o fígado do bicho, põe para secá e, depois, mói ele até virar um pó. Então, a cada dia, põe uma pitada na comida da pessoa que vai ser tratada. É tiro e queda, em pouco tempo ela pára de bebê. É só bebê que se põe a lançá, pois a cachaça fica que é um fedô só, qui nem o próprio urubu...

Pode parecer estranha a receita, mas, por mais absurda que ela seja, ainda é branda em relação a tantas outras que são usadas na região, por costume de antigo e por terem alcançado bons resultados – é o que dizem os curandeiros ou pessoas curadas que, com o uso e o tempo, já não mais precisam daqueles, passando a receitar – são os velhos experientes, sabedores das abusanças populares.

Tenho guardado, de muito tempo, algumas pérolas dessas extravagâncias, colhidas em viagens pelo sertão ou dos antigos que acabaram os dias arrastados na cidade:

- **Para sarampo** – chá de lagartixa, colocada viva na chocolateira.
- **Para caxumba** – abrir um sapo vivo e amarrá-lo, pela entranhas, no pescoço do doente e deixar até esfriar o sangue.
- **Alcoolismo** – xarope do casco de tatu preto: torrar o casco, moê-lo bastante até se transformar em pó e colocar toda a mistura em três garrafas de cachaça. Tomar três cálices do xarope por dia.
- **Coqueluche** – cozinhar um soim inteiro (com pelo e tudo) bastante tempo e dar uma poção da sopa para o doente.
- **Coqueluche** – leite de égua preta.
- **Dor de dente** – urina de "criança inocente" mistura com cinza – colocar a pasta no dente afetado.
- **Picada de cobra** – socar pimenta malagueta, misturar num copo de cachaça e coar (a semente é ruim) – dar para o paciente que deve tomar tudo de uma só vez.
- **Mais picada de cobra** – vomitório de querosene – o ofendido vomita todo o veneno misturado com sangue que sai até pelo local da picada.
- **Peste de animal** – xarope de chocalho de cascavel torrado e moído com rapa de unha d'anta, sal torrado e feijão preto torrado. Dar para o animal na ração ou na água.
- **Tratamento de umbigo** – passar pó de sapato velho no local.
- **Asma** – chá de espinho de ouriço.
- **Dordói** – quantas busticas de coelho tomar quantos anos passará sem sofrer a doença.
- **Lepra** – um tratamento terrível: o doente é enterrado num buraco, ficando apenas com a cabeça do lado de fora ao tempo em que é apanhado um urubu que deverá ser esmagado, com as penas, num pilão, e jogado numa panela onde será fervido demoradamente. Depois serve-se uma pratada da sopa ao doente que ainda terá que ficar enterrado mais 24 horas. Se sobreviver ficará curado...

Muitos desses tratamentos e tantos outros já estão em desuso. Tudo mudou com o tempo, mas o motivo maior, precisa ser dito, é que o homem deixou o campo. Deixou porque foi espremido pelas empresas que tomaram o cerrado para produzir carvão e plantar eucalipto. Com isso, não mais as raízes, as folhas, as cascas e os bichos – tudo deu lugar à areia nua ou aos lotes e mais lotes de eucalipto, onde tudo é triste, seco, sem vida – nem um solitário passarinho. Aliás, sobraram formigas e cupins, em enorme profusão. Dos poucos que ficaram no campo, a vida se lhes tem mostrado difícil ou um inferno, pois sem seu habitat natural, todos os tipos de insetos, animais peçonhentos e aves predadoras, se deslocaram para seus cercados. Na cidade o homem não tem a riqueza do cerrado com sua fantástica matéria prima para fazer seus remédios, as famosas garrafadas, ficando dependente do remédio do dotô que quase sempre não pode comprar, não tem a liberdade da imensidão das campinas, ficando prisioneiro numa casa-de-pombo que a caridade de uma instituição lhe deu, onde sequer pode plantar uma bananeira para servir de "casinha". O homem dos sertões, das campinas abertas e dos ricos cerrados, vira prisioneiro urbano e morre mais depressa; perde a inspiração e esquece sua vida, seus remédios. Vira história.

Voltando à extravagância de certas receitas. Elas podem parecer um absurdo e, à primeira vista, o são. Contudo, é preciso conhecer o sertanejo, como ele vive, as suas tradições, e como é que ele tem que viver para enfrentar as hostilidades do meio, o abandono e falta de recursos a que está sujeito.

Fechando esse ligeiro apanhado, reforçando o absurdo das receitas, lembro de outra faceta de sua vida, para mostrar como seu mundo, deveras, é diferente. É o que se vê, também, em suas crendices e simpatias:

Para evitar cãimbras amarra-se no tornozelo uma palha seca de milho.

Sentar-se em pedra de amolar faz nascer furúnculos.

Para criança falar depressa, dar-lhe água num búzio.

Para acabar com piolho de galinha (pichilinga) – pendurar uma carcaça de égua no galinheiro.

Para acabar com baratas – pegue uma delas, coloque numa caixa de fósforo e jogue no rio, mas é preciso guardar segredo.

Pescador não lava nem emborca o prato onde comeu peixe – dá azar, não pega peixe naquele dia.

Sucesso – indo numa estrada e encontrar com uma cobra verde é sinal de que fará boa viagem e será feliz nos negócios.

Vai por aí afora, é matéria para fazer livros e mais livros, pois o mundo do sertanejo é muito maior que os vastos cerrados e os caminhos dos rios, vai muito além com sua fértil imaginação o que é natural, pois é dela e com ela, tão somente, que ele vive e pode viver nos esquecidos do tão imenso Brasil.

Estava quase esquecendo de uma coisa: esse absurdo ou extravagância não vem de agora, é crença que remonta a muitos anos, pois o homem não nasceu sabendo, mas com seu espírito investigativo, foi encontrando caminhos. Um exemplo está na revista *Istoé*, nº 1569, falando sobre o chocolate: "para os aztecas, a bebida vinda do paraíso trazia sabedoria, poder e virilidade". E ainda sobre o chocolate: "para a medicina incipiente do século XVII, era um aliado contra a sífilis". Por fim, uma novidade: recentemente, segundo a mesma revista: "os cientistas já compararam seu efeito aos da maconha e até aos do orgasmo". Então...

Seminário: Folclore e parafolclore

De 14 a 16 de março, em seminário aberto a todos os interessados, serão debatidos os temas folclore e parafolclore.

Como subsídio às discussões que se darão no plano científico, eis alguns conceitos do que é folclore e o que é parafolclore.

Eis alguns poucos, como nos explica o mestre Aires da Mata Machado Filho: "O passo inicial é a sua nítida caracterização. Quem vai atrás da enganosa aparência capitula de folclórico tudo quanto se lhe afigura estranho, excêntrico, estapafúrdio. De certo modo, ocorre precisamente o contrário, tão ligado é o folclore à naturalidade. Exige-se, isto sim, que os fatos ou fenômenos sejam populares em oposição ao oficial ou comezinho; duradouros, tradicionais, coletivos, anônimos e funcionais". Augusto Raul Cortazar adverte: "É popular o não oficial, vale dizer, as receitas, crenças ou fórmulas recomendadas pela prática e sancionadas pelo costume, à margem, portanto, da escola e do livro, de códigos, catecismos ou retóricas". A Carta do folclore brasileiro aprovada no VIII Congresso Brasileiro de Folclore conceitua: "Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade..." (Salvador, 16/12/1995).

Já os grupos parafolclóricos são definidos pela mesma carta: "São assim chamados os grupos que apresentam folguedos e danças folclóricas, cujos integrantes, em sua maioria, não são portadores das tradições representadas, se organizam formalmente, e aprendem as danças e os folguedos através do estudo regular, em alguns casos, exclusivamente bibliográfico e de modo não espontâneos." Roselys Vellozo Roderjan, Presidente da Comissão Paranaense de Folclore, diz: "A imitação da produção artesanal, musical, dramática e das técnicas das comunidades que as cultivam espontaneamente, constitui o **parafolclore**, a **criação** ou o aproveitamento dessa produção. Adulteram o fato folclórico porque estão condicionados a agradar o consumidor dessa **indústria cultural**." Concluindo, o mestre Saul Martins define em seu livro ainda inédito, Panorama Folclórico, à pág. 232: *"Parafolclórico – espetáculo em que ocorrência popular tradicional, nas mais vezes remanejada, é exibida a um público de salão por intérpretes não portadores da manifestação autêntica".*

O seminário ocorrerá nos dias acima citados, de 19:30 às 22:00 h, no salão azul do Centro de Referência do Professor, antigo prédio da Secretaria de Educação, à Praça da Liberdade s/n.

O visual e o autêntico

Aleixo Leite Filho*

O prazer de se enfeitar é qualidade intrínseca da natureza humana. As figuras que aparecem gravadas nas pedras das furnas, riscadas ou pintadas com resinas, não apresentam apenas os costumes da primitiva cultura, mas, também o gosto pela decoração do ambiente. As flores sempre tiveram sua função de enfeite: "umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte". As mais complicadas pigmentações ainda hoje aparecem no corpo dos nossos indígenas. Balangandãs, quinquilharias e amuletos, vindos de antigos povos orientais, atualmente parecem em formas de brincos, argolas, colares, pulseiras, anéis e contas cravadas no rosto das mulheres, como emblemas de sofisticações. Em tempos remotos, as máscaras apareciam nos ritos religiosos, nos teatros ao ar livre ou em comemorações feitas a deuses e reis.

A procura da descaracterização é bastante peculiar a quem deseje se mistificar, pelo disfarce da máscara, da fala, da indumentária ou dos gestos.

Segundo o folclorista Flávio de Aquino: "O teatro Nô é baseado em histórias líricas do folclore religioso japonês. Representado somente por homens, nele são usadas 120 variedades de máscaras expressando sentimentos e caracteres divididos em cinco personagens principais: o velho, o homem, a mulher, o deus ou deusa, o diabo ou o duende."

As carrancas sempre representaram o imaginoso do mito, assim como as imagens na personificação dos ídolos e dos ícones. Mesmo sem ter a certeza da forma física do santo de sua devoção, o homem do povo transfere sua idéia para uma escultura de pedra, madeira, barro, gesso – o material mais próximo de suas mãos – da mesma maneira que idealiza a figura dos espíritos obsessores. O satanás de sobrancelhas arqueadas, queixo pontudo, com barbicha, dois cornos, magricelo, garras aduncas terminando por unhas longas e afiadas, olhos de fogo, dentes ameaçadores, pés de bode, a conduzir enorme espeto, em forma de garfo-tridente, para fisgar as almas; imagem que desperta terror de inferno de fogo inapagável.

Os ex-votos são manifestações do desejo informativo de partes do corpo ou objetos que possam identificar o pedido ao santo protetor.

O impressionismo das alegorias, nas festas populares ou folclóricas tem função específica no gosto do povo. É a vaidade do sentimento exposto por inúmeras maneiras de exibições, tendo como veículo a influência das tintas, o chistoso da criatividade, indo até a simples diversidade de cosméticos e a excitação pelo aroma das ervas. O perfume marca individualidades de lembranças de pessoas amadas, tão forte quanto a linha melódica, desde os primórdios da humanidade, numa respeitável sinestesia.

A expressão corporal pela dança, quanto à autenticidade de determinados festejos do povo, tem sido objeto de intermináveis polêmicas, tanto em suas apresentações fúnebres quanto de contentamento. Nenhuma dela poderá se divorciar do ritmo ouvido que poderá ser lento (marcha-rancho); compassado (bolero) ou apressando (marcha-frevo).

Sempre que sou indagado sobre a autenticidade das vestes e das músicas dos festejos juninos e a se mesclarem com os carnavalescos, prefiro deixar a resposta com as futuras gerações. Estou com a opinião do professor Raimon Cantel: "O problema de fronteiras é sempre difícil".

Hoje em dia, nem sempre a música serve como identificadora de festejo, porquanto já se ouviu música clássica tocada para foliões no carnaval da Bahia; a profanação do maracatu no carnaval de Pernambuco; a sofisticação das "Festas de Bois", no Norte e das "Festas do Divino" no Sul do País. Muitas vezes, uma modificação vem ditada pela conveniência financeira e econômica, conforme a substituição do instrumental do Zabumba pelo metal, os ornamentos de papel pelo plástico, e xilogravura por artefatos de borracha, pano e zinco, e, daí por diante.

De resto, a quadrilha palaciana, que nos chegou através da nobreza européia, popularizou-se, enquanto o lundu, dança africana, vinda com os escravos angolanos, elitizou-se pelos teatros e salões aristocráticos.

*Membro da Comissão Pernambucana de Folclore, reside em Caruaru (PE).